

Análise mostra economia do DF em crescimento

O fechamento do mês de novembro confirmou a tendência de crescimento apresentada pela economia do Distrito Federal, no segundo semestre do ano. A constatação foi feita pelo Grupo de Análise da Economia Brasileira, na Carta Conjuntural divulgada ontem. Além do coordenador do grupo, Paulo Timm, assinam o documento o presidente da Federação das Indústrias de Brasília, Antônio Fábio Ribeiro; o presidente do Sebrae/DF, Cássio Aurélio Branco e o secretário da Administração e Trabalho, Renato Riella.

Reclamando da morosidade na obtenção de alguns indicadores econômicos considerados fundamentais para a obtenção de números precisos nos campos fiscais, de consumo de energia e insumos básicos, os analistas detectaram um cenário animador para a economia do DF no próximo período. Dois pontos que confirmam este otimismo dizem respeito ao quadro comparativo com outras capitais brasileiras: o Distrito Federal teve o menor custo de vida e a menor taxa de crescimento nos preços da cesta básica.

Brasília conseguiu manter um saldo ocupacional líquido em 1992. Os analistas avaliam que isto pode ter relação com o peso do Estado na

economia, já que registraram-se perdas no setor privado. O emprego continuou apresentando saldo positivo, na mesma linha que já se confirmara no mês anterior, batendo novo recorde com 638 mil postos. Também se tem observado uma tendência à elevação da taxa de participação que mede a relação entre População Economicamente Ativa e População em Idade Ativa (PEA/PIA), a qual também chegou ao maior número no ano, 64,4%, ligeiramente inferior ao observado na Grande São Paulo e pouco superior à Grande Porto Alegre.

A taxa de desemprego em novembro, de 15,7%, refletiu o quadro recessivo geral vivido pelo País e que se alastra sobre todas as grandes cidades, conduzindo a elevadas taxas de desemprego, superiores a 15%. Ressalte-se, porém, que taxas elevadas, grassam, hoje, no mundo inteiro, castigando a Espanha (15%), França, Canadá e Austrália (10%), Grã-Bretanha (8%) e Estados Unidos (7%). Importa, registrar, também, que Brasília apresenta a maior taxa de desemprego aberto, dentre as capitais observadas, 9,9%, contra 14,6% de São Paulo no mesmo mês e 14,5% em Porto Alegre, em outubro.

O desemprego em Brasília, no mês de novembro, refletiu, ainda, o caráter estrutural de uma urbaniza-

ção fortemente segmentada, onde o grupo 1, de maior nível de renda, teve 7,4% de desemprego total contra 15,2% dos aglomerados do grupo 2, e 20,4% do grupo 3, onde se situam Samambaia, Brazlândia e Paranoá, mais pobres.

O vértice do desemprego no grupo etário entre 18 e 24 anos, responsáveis por 38,7% dos desocupados, contra 10,6% daqueles com 40 anos e mais; isto é comprovado também na verificação do desemprego entre os que são chefes de família e demais membros; sofreu apenas 8,1% da falta de ocupação, enquanto os últimos tiveram taxa de 21,5%. Este fenômeno é inverso ao verificado em São Paulo e que reflete uma desocupação efetivamente conjuntural.

Do ponto de vista do poder de compra, o mês de outubro foi o último observado pela PED e evidenciou uma ligeira queda do rendimento médio (4,8%), resultado da grave perda de 19,5% verificada na construção civil, agravando, pois, as perdas acumuladas no ano de 13,3%. O setor público, com grande peso sobre a geração de renda e emprego, continuou recebendo seu rendimento médio, o qual, não obstante, não chegou ainda a níveis de janeiro, o que se explica, aliás, pelo fato de que isto é a data-base para o segmento.